

CONFLITO ISRAEL-PALESTINA

Mapa Político de Israel e Palestina



- (3,2%) e Drusos (1,6%) (1997)
- PIB: US\$ 122 bi (2003)
- IDH (0-1): 23º lugar (em 177) - 0,915 (2005)³
- Orçamento militar: US\$ 8.97 bi.
- Exportação: US\$ 28.1 bi

Autoridade nacional da Palestina:

- Capital: Gaza
- População: 3,8 milhões hab.(2004)
- Extensão: 6,165 km²
- Religião: 98,7% muçulmanos e 1,3% cristãos.
- PIB: US\$ 4 bi.
- IDH (0-1): 102º lugar (em 2004) - 0,729 (2005)⁴
- Orçamento militar: N/A⁵
- Exportação: US\$ 407 mi
- Importação: US\$ 2,211 bi
- Produção agrícola: N/A

Ficha Técnica

Estado de Israel: ¹

- Capital: Jerusalém (Não reconhecida pela ONU)² Tel Aviv
- População: 6,116,533 hab. (2002)
- Extensão: 20.770 km²
- Religião: Judeus (80%), Muçulmanos (14,6%), Cristãos

1. Aspectos Geográficos

1.1 Da região

Israel e Palestina se encontram no Oriente Médio, uma região de grande diversidade étnica, cultural e religiosa. Exatamente por esta diversidade, a região se configura em um cenário de turbulência política, que resulta em muitos casos, em conflitos armados. O

O Oriente Médio tem cerca de 7 milhões de quilômetros quadrados, sendo maior em área que o continente europeu.⁶ Estende-se do Irã ao leste, até o Egito, a oeste. Na região centro-sul, a península arábica, com a Arábia Saudita a norte de Emirados Árabes Unidos, Omã e Iêmen, que se encontram na costa da península, e a sul de toda a região do Oriente Médio. No centro da região se encontra o Iraque, e o seu limite norte é a Turquia.

A importância estratégica do Oriente Médio se deve ao fato de que 60% das reservas de petróleo do mundo estão concentradas neste território, além de ser um ponto de passagem entre Europa, África e Ásia, e “pode ser considerada uma *‘Heartland’* dos tempos modernos”⁸ A disponibilidade do Mar Mediterrâneo, do Oceano Índico e do Mar Vermelho demonstram o grande amálgama de possibilidades de transporte da região, de mercadorias ou tropas. Os rios Eufrates, Tigres e Nilo são de grande importância na região, por se encontrarem em regiões áridas do Oriente Médio. Nota-se a presença de cadeias montanhosas no Líbano, Turquia e Irã.

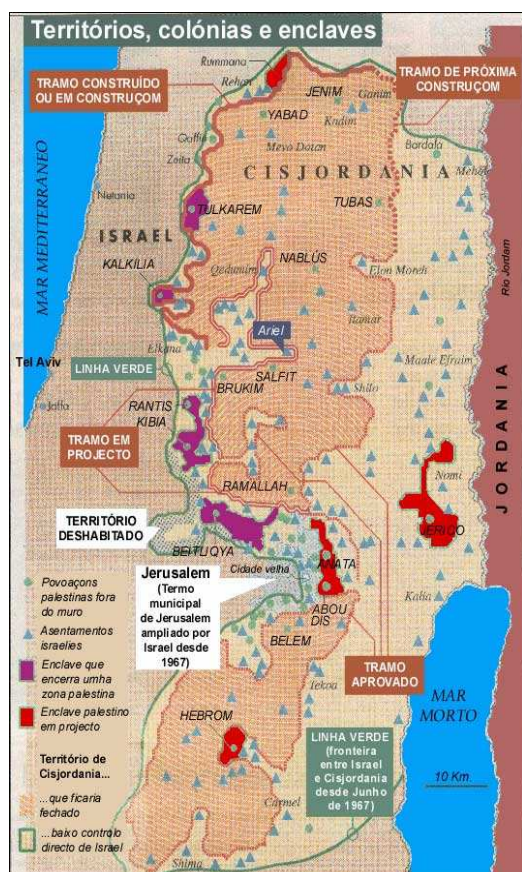
Israel e Palestina se encontram atualmente dividindo um território exaustivamente disputado. Os palestinos, desde 1947 sem um território fixo com a criação do Estado de Israel,

lutam com os vizinhos israelenses, pela porção a que, de acordo com a sua alegação, tem direito histórico. O território do Estado de Israel, onde se trava este embate político e militar, se localiza na porção leste do Mar Mediterrâneo. Faz fronteiras com Egito ao sul, Jordânia a leste, Síria e Líbano a norte e nordeste, em uma posição central para comércio e transportes entre todos seus países vizinhos, tendo disponível a terra, o Mar Mediterrâneo, o Rio Jordão e o Mar Morto.

Dentro do território de Israel, um ponto de importância preponderante para as origens do conflito: a cidade santa, Jerusalém. Para compreender o conflito Israel/Palestina cabe recorrer à história desta cidade, que está situada a aproximadamente 52 km do Mar Mediterrâneo, 22 km do Mar Morto, e a 250 km do Mar Vermelho. A cidade é o principal santuário das três principais religiões monoteístas do Oriente Médio: o judaísmo, o islamismo e o cristianismo. A importância da cidade para estas três grandes religiões se deve ao fato de ela ter sido palco para muitos eventos religiosos e místicos. Jesus Cristo passou parte de sua vida naquela cidade, e os cristãos também acreditam que dali São Pedro ascendeu aos céus. Os muçulmanos também reverenciam Jerusalém como o local de passagem do

de Israel, em 1948, a Autoridade Nacional Palestina consiste em uma nação de refugiados, em territórios hostis pela ação de milícias da resistência e do exército israelense dentro dos limites de seu grande oponente. Estes territórios são compostos pela Faixa de Gaza, um dos principais epicentros do conflito, e a Cisjordânia.

Mapa Geográfico da Palestina¹¹:



2. Aspectos Históricos

2.1 Israel

O Estado de Israel é fruto de um movimento impulsionado pelo sionismo¹² para a criação de um lar nacional para o povo judeu. Desde o início da década de 1880, há registros de terras ocupadas por judeus, e também de uma escola de agricultura criada por judeus perto de Jafa¹³. Os êxodos aconteciam como consequência de perseguições que judeus sofreram em diferentes momentos, na Rússia – no início do século XX com o czarismo - e na Europa – durante a primeira guerra mundial na década de 1910.

No final do século XIX, quando aconteceu o Primeiro Encontro Sionista em Viena, representantes judeus foram enviados à Palestina para averiguar a possibilidade da criação de um lar para a nação judaica na região, de onde esse povo havia sido expulso há mais de dois mil anos¹⁴. Embora tenha sido constatado naquele momento que a região já estava sendo habitada pelos árabes palestinos, isso não impediu que o plano dos sionistas continuasse sendo o estabelecimento de seu Estado naquelas terras.

Com o apoio da Alemanha e da Inglaterra, as portas começavam a se abrir para os judeus, que encontraram ali naquelas terras um povo simples, quase todo dependente de seu comércio local e

da agricultura, sem uma forte experiência política. Os judeus migraram da Rússia e da Europa, onde o czarismo e o nazismo incipiente faziam destas áreas de intensa agitação política. Apoiados pelas potências Inglaterra e França aos poucos conquistaram preponderância na região.

O Estado de Israel proclamou sua independência no dia 14 de maio de 1948, contrariando a vontade da população árabe palestina, que esperava que a Resolução 181¹⁵ da Organização das Nações Unidas (ONU) passasse a vigorar a partir do dia 15 de maio de 1948. O processo de independência começou em 1945, depois da II Guerra Mundial, e foi fortalecido quando os judeus da Palestina receberam 100.000 refugiados vindos da Europa, aumentando significativamente sua representação populacional. Com a ajuda dos Britânicos, iniciou-se o processo de criação do Estado Judeu.¹⁶

Desde sua criação, o Estado de Israel tem funcionado como braço norte-americano no Oriente Médio. País de maioria judaica, cercado por países árabes, tem sido por vezes o centro de conflitos em sua região. Já se envolveu em diversos embates armados com seus vizinhos¹⁷, em sete conflitos (1948-49, 1956, 1963, 1973, 1982, 1987, e 2000-05) e está desde o início de sua existência em Estado de Guerra oficial

com o Líbano¹⁸ e com a Organização pela Libertação da Palestina (OLP)¹⁹, que até hoje luta pela independência da Palestina.

2.2 Palestina

A Palestina, antes da chegada dos judeus no final do século XIX, era governada pelo Imperador Turco-Otomano estabelecido em Damasco, na Síria. Embora formalmente o domínio Turco-Otomano só tenha acabado em 1918, a chegada dos judeus mudou o cenário político da região mais de vinte anos antes. A partir desta época, no entanto, a região passou a ser colonizada por imigrantes judeus que fugiam da Rússia e da Europa para a região.

Os árabes palestinos não tinham um corpo político, devido ao fato de serem comandados pelo Império Turco Otomano. A palestina era um local onde o comércio e a agricultura eram as únicas atividades econômicas desempenhadas pelos árabes da região²⁰.

Desta forma, para garantir seu sucesso na guerra, a Inglaterra recorreu aos Palestinos por apoio contra o império que os dominava. Os habitantes daquela região viram grandes vantagens em ajudar os ingleses, com a promessa da

criação de um Estado Palestino na região onde já habitavam. A Inglaterra havia acordado junto aos dirigentes palestinos um apoio ao futuro estabelecimento de um Estado Palestino na região.

No entanto, no mesmo período em que essa promessa foi feita aos palestinos, esta promessa foi feita aos judeus pela Declaração Balfour²¹. O movimento sionista lutava por este ideal na Europa.

Com o fim da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a Palestina passou a ser protetorado britânico, e o projeto de criação de mais um Estado Árabe para aquela população já podia ser discutido. Ainda assim, o aumento do êxodo de judeus para aquela área já começava a criar conflitos pela região, e para a Inglaterra, seria mais interessante o estabelecimento de um estado judeu do que o de mais um estado árabe no local: a presença de Israel no Oriente Médio era vista pelo ocidente como um muro contra a barbárie²², e que a experiência política dos judeus os ajudaria a ter mais controle sobre aquela região, que era toda composta por países árabes.

Após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) a situação dos palestinos se agravou, com a retirada do exército inglês, e a instauração do Estado de Israel. Desde então, os palestinos se

tornaram refugiados, sem poder voltar para a casa, e com um “estigma palestino”²³ que não os permite asilo tranqüilo em nenhum país da região.

2.3 Do Conflito

O conflito entre Israel e Palestina está intrinsecamente ligado à ocupação de territórios e barganha de fronteiras.

A região hoje conhecida como Israel foi habitada por árabes até o final do Século XIX, período no qual a região estava sob domínio do Império Otomano. Nesta época (1900 – 1914), a criação de um Estado sionista já estava sendo fomentada por intelectuais judeus estabelecidos na Europa, como Theodor Herzl, que escreveu o livro *Der Judenstaat* (Estado Judeu)²⁴.

Com o início do êxodo judeu para a Palestina, o Reino Unido – que estava interessado em obter o apoio tanto de árabes como de judeus contra o Império Otomano na Primeira Guerra – passou a fazer promessas para ambos os lados do conflito. Para os judeus, as promessas incluíam a criação de um Estado judeu na Palestina, e para os árabes, a criação de um reino árabe independente no Oriente Médio. Anteriormente, no entanto, a Grã-Bretanha e a França haviam assinado os Acordos *Sykes-Picot* (1916), que previam a divisão do Oriente

Médio em áreas de influência anglo-francesas no caso de vitória da Tríplice Entente²⁵ sobre a Tríplice Aliança²⁶ guerra. Com o acordo, os mandatos britânicos teriam vigência sobre o Iraque, a Palestina, e a Transjordânia (atual Jordânia). Ver mapa a seguir.

Entre o início do século XX e o final da Primeira Guerra Mundial, mais de 60.000 judeus advindos da Rússia emigraram para o Oriente Médio em busca de asilo. Estes judeus que estavam na Palestina, formaram uma elite devido ao seu alto nível de instrução e maturidade política²⁷.

Mapa do Acordo de Sykes-Picot (1916)²⁸:



A primeira vitória do movimento sionista foi em 1922, quando a “Liga das Nações aprovou [...] a Declaração

Balfour, sobre o estabelecimento de um lar nacional judaico na Palestina”²⁹. Em 1931 já detinham maior representatividade populacional, com 174.600 judeus, em um total de 1.035.800³⁰ em todo o território da Palestina. No fim da Guerra, “em [...] 1945, os dirigentes sionistas dirigiram dois pedidos aos Britânicos: fazer da Palestina um Estado Judaico e autorizar a entrada de 100.000 imigrantes”³¹. O advento do Holocausto³² na Europa, em que cerca de 6 milhões de judeus foram mortos em campos de concentração nazistas, foi de certa forma até oportuno para legitimar a criação de um lar judeu na Palestina, e forçou ainda mais a fuga judaica para o Oriente Médio.

Desta forma, o “Plano de Partilha Judaico” elaborado pela Organização das Nações Unidas em 1946 já parecia bastante com as delimitações atuais, o que acabou por eclodir na primeira guerra árabe-israelense, de 1948 a 1949.

A primeira guerra entre os árabes e Israel eclodiu quando o Estado de Israel foi proclamado. Recebendo ataques por terra e ar dos exércitos palestinos, egípcios, sírios e transjordanianos, o Estado judeu conseguiu manter os 55% do território da Palestina que lhe era atribuído no plano de partilha da ONU. Com uso de suas armas e um exército bem treinado, ainda

conquistaram uma porção de 24% do território que não estava incluído no plano da ONU, totalizando 79% do território da palestina sob o domínio judeu. Com o fim da guerra de 48-49, a nação judaica saiu gloriosa, e os árabes desmoralizados. Os 700 mil refugiados palestinos, criados em função da dominação de Israel pela força, nunca foram permitidos voltar para casa e nem foram indenizados, o que contraria a resolução 194 da ONU³³.

O conflito seguinte, em 1956, foi a Guerra do Suez. Este confronto ocorreu no início da Guerra Fria³⁴, período o qual, os países do Oriente Médio estavam divididos em blocos apoiados por Washington e Moscou. Os Estados Unidos estabeleceram uma aliança estreita com Israel, mas conseguiram “[...] manter como aliados às monarquias árabes produtoras de petróleo (Arábia Saudita e emirados do Golfo Pérsico)”³⁵.

O Canal de Suez³⁶:



Moscou apoiava os regimes árabes nacionalistas do Egito, Síria e Iraque. No entanto, o controle

imperialista não era total nessas regiões, e eles ainda agiam por conta própria, como no caso desta disputa por Suez. O canal é de grande importância para o transporte e o controle de tráfego entre o Mar Mediterrâneo e o Mar Vermelho. Neste confronto, Israel recebeu armamentos ingleses e franceses para lutar contra o não-alinhamento do Egito com o bloco capitalista. O apoio franco-britânico à Israel deitava suas motivações no controle do Canal de Suez, do qual os dois países eram os maiores acionistas.

O resultado da Guerra do Suez no campo militar foi favorável à Israel, que conseguiu abrir o estreito de Tiran para navegação, e conseguiu derrotar o exército egípcio. Com os ataques à Faixa de Gaza, ainda conseguiu eliminar os guerrilheiros palestinos *Fedayin*³⁷, pondo fim aos ataques que esse grupo organizava contra Israel.

Para o Egito, a vitória política foi conquistada, mesmo com a derrota no campo militar. O país árabe conseguiu manter o regime nasserista³⁸, seu território e a ordem política do Oriente Médio. A neutralização de Israel se deu por uma mobilização internacional liderada pelas duas superpotências vigentes na Guerra Fria. Os Estados Unidos desaprovaram esta guerra, por ter sido desencadeada contra países do

bloco socialista, sem sua autorização, e negou toda e qualquer ajuda ao Estado Judeu e seus aliados europeus. Com a ameaça de ainda votar a favor da expulsão de Israel da ONU, o país se retirou da Faixa de Gaza e da península do Sinai. A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) se manteve resguardada, e entendeu as ações americanas como um ato de prevenção do conflito entre os blocos, e não mobilizou seu exército.

Em 1967, a Liga Árabe decidiu buscar o apoio soviético para lançar uma ofensiva conjunta contra Israel. Desde 1964, após a Conferência do Cairo, o objetivo último da Liga Árabe era a total destruição do Estado de Israel. O resultado da decisão dos árabes foi a Guerra dos Seis Dias.

Com a expectativa de ser atacado, o Estado de Israel faz o primeiro ataque, contra aviões árabes em hangares egípcios. Após os contra-ataques realizados por Síria e Jordânia, estes países também tiveram suas forças aéreas atingidas, totalizando cerca de 400 aviões árabes destruídos no primeiro dia da guerra. No processo, Israel dominou a porção velha (histórica) de Jerusalém, e a "fronteira natural" do estado de Israel, o Rio Jordão (que separa Israel e Cisjordânia da Jordânia). Desta forma a Cisjordânia também foi

dominada, mesmo que isto não estivesse nos planos iniciais da guerra. As colinas do Golã, que também não estava nos planos, foram ocupadas, para demonstrar força e intimidar a Síria. Neste conflito entre Estados Árabes e os judeus, as conseqüências foram tais para Organização para a Libertação da Palestina, que esta decidiu abdicar doravante do apoio dos países árabes, como Egito e Síria. Esta decisão da OLP foi tomada, por ela não ter sido eficientemente apoiada por estes países, e ter sofrido conseqüências mais graves que o esperado para uma organização que contava com tanto apoio internacional. A Organização para a Libertação da Palestina e a população em territórios ocupados não alcançaram seus objetivos, e ficaram acuados após a guerra perdida.

Após 6 anos, o Egito e a Síria fizeram a campanha revanchista do *Yom Kippur*³⁹. Esta guerra foi mais uma prova da relativa independência que os países do Oriente Médio possuíam dos seus respectivos blocos. Os dois países fizeram ataques simultâneos, pelo norte e pelo sul de Israel. Isto não impediu que o país atacado fizesse uma contra-ofensiva eficiente com apoio bélico e diplomático norte-americano. Egito e Síria contavam com armamentos e assessoria militar soviéticos, mas

militarmente Israel ainda detinha maior poderio. Desta forma, o presidente egípcio conseguiu reconquistar apenas uma pequena – porém estratégica – porção do território perdido na guerra do Suez.

Em 1982, com o objetivo de esfacelar as bases da OLP no Líbano, Israel invade este país. No dia 30 de agosto daquele ano, o presidente da Autoridade Nacional Palestina Yasser Arafat (1929-2004) e suas tropas foram retiradas, e no dia 15 de setembro iniciou-se uma chacina de 1.500 pessoas nos campos palestinos de Sabra e Chatila. O plano Israelense de destruir total e definitivamente a OLP, não foi atingido.

Em 1987, fatigados com a sensação *ad eternum* de isolamento, jovens muçulmanos realizaram a Primeira Intifada (que em árabe significa “levante”). Na Intifada, os jovens palestinos enfrentaram o exército israelense com paus e pedras.

Com o fim da União Soviética em 1991, os Estados Unidos passaram a ser a única superpotência mundial, e se viu livre para atuar com mais liberdade na região. Neste período se deu a Guerra do Golfo, que favoreceu a instalação de uma frágil paz entre Israel e Palestina. Isto ocorreu até o início da última (e mais recente) Intifada, que durou de 2000 até

2005, causando quase 4,000 baixas palestinas – grande maioria civil - e cerca de 1,000 israelenses – entre civis e militares⁴⁰. Com ataques de homens-bomba a alvos civis, a resistência palestina influencia o povo israelense a cobrar do governo medidas que venham apaziguar a situação nos campos de refugiados, e a relação com os árabes.

Em 2005 os conflitos entre Israel e Palestina foram intensos, começando já em janeiro. Em diversas incursões nos assentamentos da Faixa de Gaza e da Cisjordânia, praticamente todos os dias se computou alguma morte de palestino.

Ainda no ano de 2005, Israel realizou a tão esperada desocupação da Faixa de Gaza e da Cisjordânia, de forma unilateral.

3. Aspectos Econômicos

O cenário econômico de Israel ajuda a elucidar algumas das razões acerca dos conflitos nas quais, o país tem se engajado. Com a balança comercial praticamente em equilíbrio, nota-se um elevado índice de exportações do Estado de Israel. Dos 28,1 bilhões de dólares em exportações anuais do estado judeu, grande parcela do montante é adquirida com exportações de artigos bélicos: armas de grande calibre, mísseis, aviões e

aparelhagem eletrônica para tanques e outros equipamentos⁴¹. O Estado de Israel tem a capacidade de autofinanciamento em guerras, já que as três maiores fabricantes de armas do país são empresas estatais.

“Os contratos da Indústria Israelense de Aviação (IIA) com fornecedores americanos avançaram de sub-contratos de serviços para *joint-ventures*⁴² com a Boeing e a Lockheed-Martin. Como resultado, a taxa de emprego do IIA rapidamente subiu de 4,000 para 14,000 nos anos 80”⁴³.

Há aproximadamente 150 firmas de defesa em Israel, que juntas produzem uma receita anual estimada em US\$ 3,5 bilhões por ano. Desta receita, 60% são arrecadados em exportações para a Noruega, Bélgica, Filipinas, e Grécia, totalizando US\$ 2,1 bilhões.⁴⁴ A economia palestina não possui autonomia. A população árabe refugiada na Cisjordânia e na Faixa de Gaza sobrevive de doações de Organizações Internacionais como a Cruz Vermelha. O exército que luta pela causa palestina (OLP), conta com os financiamentos do grupo terrorista *Hamas*, portanto não há dados acerca dos reais gastos deste grupo com as questões bélicas.

Com tais informações, é possível notar que a indústria bélica israelense se

beneficia largamente pelos conflitos nos quais o Estado se envolve, funcionando como uma força motriz que impulsiona a eclosão de guerras no Oriente Médio.

No entanto, nem todos os aspectos da guerra favorecem a economia de Israel. O país poderia estar lucrando ainda mais em divisas se estivesse fazendo amplo uso de sua potencialidade turística, mas em países onde ocorrem conflitos armados periodicamente não costuma haver um grande público interessado. A cidade de Jerusalém é adorada não somente pelos judeus, mas também pelos povos das duas maiores religiões do mundo, totalizando 3,6 bilhões de pessoas espalhadas pelo mundo (2 bilhões de cristãos, 1,6 bilhão de muçulmanos e 12 milhões de judeus). Nos períodos em que Israel pôde fazer uso deste recurso, a economia tinha maior volume, e mais facilidade de circulação que neste período de conflito bélico.

4. Aspectos Políticos

Os aspectos políticos dos conflitos em Israel não têm mudado muito desde o início das contendas. As motivações israelenses para as incursões nos assentamentos palestinos são reflexos de sua política de manter os refugiados em uma posição de

neutralidade, em uma situação que não oferecem risco à soberania do Estado de Israel.

Desde 1967, no entanto, os Estados Unidos passaram a ver em Israel o principal candidato para um importante papel: policiar a região do Oriente Médio, e reproduzir os interesses norte-americanos dentro da sua esfera política regional. A partir do momento que o Estado Judeu teve uma vitória absoluta na Guerra dos Seis Dias, os EUA passaram a concentrar seus esforços em transformá-lo em um subordinado que pudesse manter a situação sob controle dos interesses americanos no Oriente Médio. Até então, o principal cotado para exercer este papel era o Egito, que foi descartado devido à subida ao poder de Gamal Abdel Nasser, um nacionalista que serviria de barreira para a obtenção dos anseios norte-americanos⁴⁵.

Este novo aliado americano fora escolhido por seu impressionante poder militar e grande dependência financeira e política dos EUA:

“A vitória impressionante de Israel no conflito de 1967 mostrou que o país era uma liderança militar sem precedentes na região, o que confirmou seu valor enquanto um “bem estratégico”. [...] Neste momento, a ajuda financeira a Israel cresceu enormemente”⁴⁶.

É impossível falar de aspectos políticos deste conflito sem fazer considerações sobre a influência dos Estados Unidos da América no Oriente Médio e na política externa israelense. Quando Israel responde a um acordo de paz, sua resposta vem sempre acompanhada do apoio de seu aliado norte-americano. Os Estados Unidos têm interesse nas ações do Estado Judeu no Oriente Médio, e por ser parceiro diplomático e financiador, a superpotência influencia nas decisões de Israel de forma estratégica. Os Estados Unidos e este país fazem exigências para a paz na região, descritos em um artigo de Noam Chomsky:

“[...] terminar o terrorismo [palestiniano]’ de imediato. [...] depois, vem o ‘congelamento, seguido de retirada, dos colonatos judaicos e a negociação de novas fronteiras’ para terminar a ocupação e permitir o estabelecimento de um Estado palestino. Se o terror palestino terminar os israelitas serão encorajados a ‘aceitar a proposta histórica da Liga Árabe de uma paz total e o reconhecimento de Israel em troca de uma retirada mais séria’. Mas primeiro os dirigentes palestinos devem demonstrar que são ‘parceiros diplomáticos legítimos’.”⁴⁷

Embora a resistência palestina esteja demasiado fatigada militarmente para combater um exército forte como o de Israel, os ataques aos assentamentos árabes não cessam.

As incursões israelenses na Cisjordânia e na Faixa de Gaza são um lembrete à Palestina da força do exército do país, e servem o propósito de manter o *status quo*.

Muito embora a política de Israel continue eficiente no modo como foi descrito, há conseqüências ruins ao Estado Judeu que se referem à mesma. Com a situação entre este Estado e a Autoridade Palestina em constante indefinição, Israel acaba por desgastar as suas relações com os Estados Unidos, com os Palestinos, e com parte da própria população, que também se cansa dos conflitos, e reprova o governo que os promove.

5. Perspectivas acerca do conflito

A questão da paz no Oriente Médio é um dilema extremamente arraigado nas questões religiosas, nas territoriais, e na forte influência transnacional que os países da região sofrem. Portanto, deliberar a respeito de um tratado de paz geral para a região se

torna um problema de múltiplas complicações. O clima de hostilidades é intenso diplomaticamente entre alguns países, separando o bloco frequentemente em dois lados de alguma disputa.

A paz no Oriente Médio parece ainda um sonho distante, ao ver que quando um conflito termina, outro está em vias de começar. O objetivo da paz somente será alcançado, quando todos os dois Estados em questão co-existirem reconhecendo suas soberanias, e quando eles forem mais independentes do ocidente ou mesmo de países asiáticos. Com a influência externa determinando incondicionalmente a postura externa dos países, essa pressão acaba por gerar choques de interesse em dimensões maiores do que o suportável, colaborando para a existência do conflito.

Para a paz entre Israel e Autoridade Nacional Palestina, o reconhecimento mútuo de suas soberanias seria a única solução possível para o fim dos conflitos. Para que isto ocorresse, seria indispensável manter o Estado de Israel, mas a criação de um Estado independente da Palestina também seria fundamental. Esta seria a melhor possibilidade para alinhar os interesses dos dois povos pela via diplomática, e fazer com que a

convivência entre eles seguisse as normas de conduta do Direito Internacional.

A cidade de Jerusalém, por ser de importância tão grande neste conflito, deveria estar resguardada pela Organização das Nações Unidas, sem que nenhum Estado pudesse declarar sua propriedade. Assim sendo, a tão cobiçada cidade santa seria patrimônio da humanidade e de todos, sem o monopólio sobre sua visitação e usufruto, que causa tanta discórdia.

A paz somente pode ser pensada em um contexto de pluralismo religioso e étnico, o que parece estar ainda muito distante da realidade da convivência entre Israel e Palestina.

6. Bibliografia

Sites:

<http://en.wikipedia.org/wiki/Kibbutz>
(Consulta: 15/11/2006, 22: 50)

<http://noticias.uol.com.br/ultnot/efe/2006/02/27/ult1808u59952.jhtm>

http://www.bbc.co.uk/portuguese/especial/2001/meast_maps/1.shtml

<http://www.cosal.org/cosal2005/titulares/palestina/palestina07g.jpg>

http://www.eldiplo.org/resumen.php3?numero=37&resumen=37/R_09_25.
(Consulta: 16/11/2006, 22:45)

<http://www.factbook.org/factbook/is.shtml>
(Consulta: 28/08/2006, 13:40)

<http://www.globalsecurity.org/military/world/israel/industry.htm> (Consulta: 29/08/2006, 11: 30)

<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=702>
(Consulta:15/11/2006, 23:50)

<http://www.history.com/minisites/jerusalem>

http://www.lib.utexas.edu/maps/atlas_middle_east/israel_land.jpg

www.geocities.com/lbi_br/rmr0013.html
(Consulta: 16/11/2006, 22:30).

Livros:

BONIFACE, Pascal. Atlas das Relações Internacionais. (2005), Lisboa. Plátano Editora.

BRIGAGÃO; PROENÇA JR (Orgs.). ZAHREDINNE, Danny: O conflito palestino-israelense: Implicações regionais e tendências. Rio de Janeiro: Gramma, 2006.

BRIGHT, John. História de Israel. São Paulo: Edições Paulinas, c1978.

CHOMSKY, Noam. *Chronicles of Dissent: interviews with David Barsamian*. Stirling: AK Press, 1992.

HEIMERMANN, Bernoît. Suez & Panamá. Editora Arthaud.
Disponível em:
www.associationlesseps.org/sp/suez_plan.html, acessado no dia 07/10/2006 às 16:30.

HOBBSAWM, Eric. A Era dos Extremos. Rio de Janeiro, Companhia das Letras.

MAGNOLI, Demétrio, organizador. História das Guerras. Pg. 426. Editora Contexto (2006).

SIMTH, Dan. Atlas del Estado de la Guerra. (1997). Editora Akal S.A.

YAZBEK, Mustafa. O movimento palestino. Porto Alegre: Mercado Aberto, (1987).

Artigos:

CHOMSKY, Noam. EUA – ISRAEL – PALESTINA. Artigo do nº192 de A BATALHA. Disponível em:
<http://www.ainfos.ca/02/jun/ainfos00141.html>.

Notícias:

Revista Aventuras na História. Artigo: Jerusalém, a cidade de Deus. (pág. 24-33). Editora Abril, edição 38, outubro 2006.

7. Sugestões de Leitura

Sites:

<http://www.factbook.org>

<http://www.globalsecurity.org>

Livros:

SADER, E. A vingança da História. (2003), São Paulo. Editora Boitempo.

SHLAIM, Ali. A Muralha de Ferro: Israel e o Mundo Árabe. Rio de Janeiro: Fissus Editora (2004).

Notas:

¹ Fonte: <http://www.factbook.org/factbook/is.shtml> (Consulta: 28/08/2006, 13:40).

² A ONU considera Jerusalém território de domínio internacional, embora o governo de Israel insista em considerá-la sua capital.

³ IDH Índice de Desenvolvimento Humano. RDH - Relatório de Desenvolvimento Humano de 2005.

⁴ Idem.

⁵ Não foram encontrados dados de orçamento militar ou produção agrícola da Palestina.

⁶ (ZAHREDDINE, 2006: 67)

⁷ (ZAHREDDINE, 2006: 67) “Conceito utilizado por Geógrafo Britânico Halford Mackinder para caracterizar uma área extremamente estratégica localizada na Eurásia, onde a possibilidade de

controle desta área por um único país poderia torná-lo um hegêmona mundial”.

⁸ (ZAHREDDINE, 2006: 67)

⁹ Dispersão de pessoas da mesma etnia ou grupo social por todo o globo.

¹⁰ Fonte:

http://www.lib.utexas.edu/maps/atlas_middle_east/israel_land.jpg

¹¹ Fonte:

<http://www.cosal.org/cosal2005/titulares/palestina/palestina07g.jpg>

¹² Movimento político organizado no final do Século XIX com o intuito de criar o Estado Judeu.

¹³ (YAZBEK, 1987).

¹⁴ Expulsão se refere à diáspora de judeus que ocorreu quando o Império Turco-Otomano dominou a região do Oriente Médio.

¹⁵ A resolução 181 da ONU (29 nov. 1947) incluía um plano de partilha do território entre as duas partes do conflito, enaltecendo a existência de dois estados distintos. Ao declarar sua independência um dia antes do vigor da resolução, Israel inicia guerra com os países árabes da região, e demonstra não acatar as decisões tomadas em coro internacional.

<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=702> (15/11/2006, 23:50)

¹⁶ (BONIFACE, 2005:126).

¹⁷ Países árabes vizinhos de Israel: Líbano, Síria, Jordânia, Egito e Iraque (não-fronteiriço).

¹⁸ Líbano: país de maioria árabe que faz fronteira com Israel ao norte.

¹⁹ OLP: Organização para a Libertação da Palestina. Grupo criado na Conferência do Cairo em 1964, de comando de países árabes, e com um braço militar para contrapor o poder de Israel.

²⁰ (YAZBEK, 1987)

²¹ (BRIGHT, c1978). Carta do Primeiro Ministro Britânico Arthur J. Balfour ao Lorde L.W. Rothschild, expressando apoio ao movimento sionista. Foi a primeira vitória diplomática do movimento.

²² (YAZBEK, 1987:14). A barbárie se refere aos constantes conflitos que já ocorriam no Oriente Médio, e à religião mal-vista pelo Ocidente, o islamismo.

²³ (YAZBEK, 1987:14). Haveria um preconceito das outras populações árabes contra os palestinos, pois eles teriam supostamente vendido suas terras para os judeus.

²⁴ (MAGNOLI, 2006).

²⁵ (MAGNOLI, 2006). A Tríplice Entente era a coalizão formada por Grã-Bretanha, França e Rússia.

²⁶ (MAGNOLI, 2006). Tríplice Aliança: Alemanha, Áustria-Hungria e Itália.

²⁷ (BONIFACE, 2005). Maturidade política se refere à experiência dos judeus na Europa, que os havia ensinado muito sobre manobras legais e negociações.

²⁸ Fonte:

http://www.bbc.co.uk/portuguese/especial/2001/middle_east_maps/1.shtml

²⁹ (MAGNOLI, 2006:429)

³⁰ (MAGNOLI, 2006:430)

³¹ Idem (4). p.78.

³² HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos*. Rio de Janeiro, Companhia das Letras.

Entre os antigos hebreus, sacrifício em que a vítima era queimada inteira. Na II Guerra (1939-1945), 6 milhões de judeus e outros grupos considerados indesejados pelo regime nazista de Adolf Hitler, foram mortos desta maneira.

³³ (MAGNOLI, 2006:426).

³⁴ HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos*. Rio de Janeiro, Companhia das Letras. Guerra Fria: período da história em que EUA e URSS dividiram o mundo em zonas de influência, após a Segunda Guerra Mundial até 1989. A guerra era denominada “Fria” por se manter no âmbito diplomático, e nunca chegar às vias de uma disputa bélica.

³⁵ (MAGNOLI, 2006:426)

³⁶ Fonte: HEIMERMANN, Bernoît. Suez & Panamá. Editora Arthaud. Retirado de: www.associationlesseps.org/sp/suez_plan.html, acessado no dia 07/10/2006 às 16:30.

³⁷ GeoSites:

www.geocities.com/lbi_br/rmr0013.html (16/11/2006, 22:30). Fedayin: Braço da organização terrorista palestina Al Fatah, laica e nacionalista, foi fundada em 1956.

³⁸ El Dipló: http://www.eldiplo.org/resumen.php?numero=37&resumen=37/R_09_25. (16/11/2006, 22:45) Regime nasserista: seguiu a Revolução nacionalista egípcia de Gamal Abdel Nasser, nos anos de 1950.

³⁹ (BRIGHT, c1978). Feriado nacional em Israel, que comemora o Dia do Perdão para os judeus. Foi o dia em que Moisés subiu ao Monte Sinai e pregou o perdão incondicional a todos. A guerra levou este nome, pois começou no dia de Yom Kippur em 1973.

⁴⁰ Banco de dados do Laboratório de Monitoramento de Focos de Tensão do Curso de Relações Internacionais do Centro Universitário de Belo Horizonte, UNI-BH.

⁴¹ Fonte:

<http://www.globalsecurity.org/military/world/israel/industry.htm> (Consulta: 29/08/2006, 11: 30)

⁴² Empresas que se unem visando fins lucrativos sem que nenhuma perca sua personalidade jurídica.

⁴³ Fonte:

<http://www.globalsecurity.org/military/world/israel/industry.htm> (Consulta: 29/08/2006,11: 30)

⁴⁴ Idem.

⁴⁵ (CHOMSKY, 1992: 27)

⁴⁶ Idem.

⁴⁷ CHOMSKY, Noam. *EUA – ISRAEL – PALESTINA*. Artigo do nº 192 de A BATALHA. Retirado de

<http://www.ainfos.ca/02/jun/ainfos00141.html>.

(Acesso: 19/09/2006, 12:45)

⁴⁸ (MAGNOLI, 2006: 426).